

ESP - 10.1.1970

Título: A LINGUISTIC STUDY OF THE ENGLISH VERB, 2nd impr. London, Longmans, 1966, 199 págs.

Autor: F. R. Palmer, discípulo de Firth, Professor de Lingüística na Universidade de Reading, autor de vários artigos sôbre o ensino do inglês para estrangeiros, além do livro The Morphology of the ~~Este~~ Noun.

Assunto: Trata-se de estudo teórico e prático de ^{sistema} ~~sistema~~ verbal inglês, examinado de seu ângulo formal e funcional. O A. reconhece dois padrões nesse sistema: o primário, que compreende os tempos (com exceção do futuro), a ação progressiva e perfeita (vale dizer, o aspecto) e a voz (v. p. 59); o padrão secundário, que compreende o modo (estudo dos auxiliares modais will, shall, ~~kk~~ can, além de locuções verbais compostas pelos verbos begin, keep, like, etc.), sem exclusão dos valores do padrão primário (p. 55).

Apreciação: Destacaremos aqui apenas algumas afirmações que julgamos de interêsse para os estudos da sintaxe verbal em geral.

O A. baseia-se na língua falada, mas felizmente não endossa aquêlê difundido preconceito que consiste em louvar-se o pesquisador unicamente nos dados ~~kk~~ fornecidos pelo corpus escolhido; bem ao contrário, servindo-se de sua experiência de falante da língua, lança mão de casos ad hoc, segundo a lição de Firth (p. IV): "se nossa atenção se voltar para a linguagem falada será praticamente impossível obter material suficiente para uma análise detalhada; seremos então forçados a aduzir exemplos não dentre os pertencentes aos textos gravados, mas sim aquêles fornecidos ~~kk~~ ad hoc por nós mesmos, isto é, dentre aquêles que consideramos 'possíveis'" (p. 57).

Quanto ao método de abordagem utilizado dá preferência ao formalista, tendo em conta que "nossas categorias nocionais são, em primeiro lugar, muito vagas, e em segundo lugar, muitas vêzes diretamente associadas aos procedimentos formais, quando não ditadas por ~~kk~~ 'êles'" (p. 7). Nem por isso, entretanto, condena a consideração

semântica, pois não crê que a tarefa do lingüista seja "proceder meramente à análise formal" (ibidem; v. também pp. 8 e 60).

Já em plena consideração de seu objeto, promove o A. interessantes reflexões em torno da natureza do verbo; reconhece, por exemplo, não ser próprio d'ele indicar o tempo em qualquer língua (pp. 2 e 107), observação bastante aguda a coroar, segundo ~~ok~~ nos parece, toda uma série de indagações que se vêm desenvolvendo últimamente a este respeito. Tanto quanto estamos informado, o primeiro A. a levantar a questão das relações entre verbo e tempo (que se recorde quanto pacífica pareceu esta questão, a ponto de a gramática alemã denominar Zeitwort ao verbo!) foi Albert Henry, no artigo "L'imparfait est-il un temps?", Mélanges de linguistique offerts à M. Charles Bruneau, Genève, 1954. Palmer amplia a questão, envolvendo em sua indagação todo o sub-sistema do verbo.

Com efeito, nem sempre podemos estabelecer a correspondência "forma temporal utilizada - necessidade de expressão de determinada categoria"; isso é particularmente visível nos casos de consecutio temporum (em que a seleção do tempo decorre de um mecanismo sintático-oracional), nos de paralelismo de funções categóricas e nos de neutralização da categoria. Lembremos, ainda, as muitas vêzes em que uma categoria como a de tempo torna-se tributária do contexto (presença de adjuntos adverbiais de tempo, de tipos oracionais, ou de certos semantemas verbais -- estes já ~~kk~~ avaliados por F. Brunot em seu La pensée et la langue --).

Retornamos, com isto, à questão primordial das relações entre forma e função: esta plasma aquela -- apesar de serem tão vagos os valores categóricos, como reconhece nosso A. -- ou será que é da forma que brota a mensagem, teoria simbolista hoje novamente em debate?

Parece que duas ~~são~~ são as motivações que nos levam a selecionar as diversas formas do verbo: ou a intenção de comunicar tão

1 - decisão de A. 2 - Justiça!

somente um processo (e aqui o valor categórico se torna irrelevante, neutralizando-se), ou conduz-nos essa mesma intenção, porém acrescida da necessidade de atualizar o processo de algum modo, atribuindo-lhe as conhecidas categorias verbais de tempo, aspecto, modo, voz, pessoa e número.

Estas duas constantes lingüísticas, a forma e a função, fornecem as duas abordagens possíveis do fenômeno lingüístico; já vimos qual foi a opção do A., aliás bastante equilibrada; contrastemos, apenas, a simplicidade dos quadros das *kk* formas (pp. 56 e 58) com a complicação das funções ou usos (p. 60).

Uma última observação: Palmer destaca o valor dos advérbios na indicação do tempo (como à p. 69, por exemplo), mas à p. 107 parece desconsiderar o papel da oração subordinada adverbial temporal, quando diz não haver diferença de tempo entre "could you help?" e "could you help?", acrescentando: "mas em certos casos há diferença de tempo: 'He can run ten miles with ease / When he was a boy he could run ten miles with ease'". Neste segundo caso havia a considerar a presença da oração adverbial temporal, naturalmente.

Ataliba T. de Castilho